

## Imprensa alternativa: a experiência do Jornal dos Bairros (1976-1981)

Daniela Lacerda de Almeida / UFMG<sup>1</sup>

**Resumo:** Este texto apresenta a primeira etapa de pesquisa do projeto de mestrado que visa estudar a relação entre a imprensa alternativa e os movimentos sociais no Brasil, no contexto da ditadura militar (1964-1985). Especificamente, analisar a experiência de um jornal que circulou na região industrial de Belo Horizonte, no período de 1976-1981, chamado *Jornal dos Bairros*. Com a análise desse jornal espera-se descortinar alguns aspectos da história do Brasil, avaliando em que medida, o jornal contribuiu e influenciou os movimentos sociais de luta, não só pelas liberdades políticas, mas também para questões como, preservação do meio-ambiente, melhoria dos serviços públicos entre outras. Nesta fase da pesquisa, foi possível traçar um panorama dos principais temas abordados nos primeiros meses de funcionamento do jornal e lançar uma primeira luz sobre a relação do jornal com os seus leitores.

**Palavras-chaves:** imprensa alternativa; ditadura militar; movimentos sociais.

O trabalho apresentado no IX Encontro Estadual de História, da Associação Nacional de História, seção Rio Grande do Sul (ANPUH-RS), é resultado da primeira etapa de pesquisa do projeto de mestrado que visa estudar o papel da imprensa alternativa e sua relação com os movimentos sociais no Brasil, no contexto da ditadura militar (1964-1985). Daí sua pertinência com o tema do Encontro da ANPUH-RS – “Vestígios do Passado: a história e suas fontes” – já que o projeto utiliza-se de uma importante ferramenta de leitura do passado, a imprensa, vista como objeto e fonte de pesquisa.

O tema, como apresentado, é extremamente abrangente, exigindo que se faça, dentro dele, dois recortes mais específicos. O primeiro diz respeito ao recorte cronológico, já que ao longo dos 20 anos de período militar é possível perceber fases distintas e o segundo ao tipo de imprensa alternativa que se quer trabalhar.

Quanto ao período cronológico, é possível dividir os 20 anos de militares no poder em, pelo menos, três fases distintas: a primeira, logo após o golpe, quando ainda não se tinha certeza sobre os rumos que o golpe tomaria. Neste momento, acreditava-se que o país retomaria a normalidade assim que fossem neutralizados os focos de “agitação política” e exterminados os planos em torno das reformas de base encampadas pelo presidente deposto João Goulart. No entanto, não foi isso que aconteceu, já que as Forças Armadas estavam divididas em duas tendências: a dos liberais conservadores e a chamada “linha dura”. Os primeiros defendiam a necessidade de passar o comando do governo para a sociedade civil tão

---

<sup>1</sup> Mestranda de História

2

logo fosse possível. A “linha dura” agrupava os militares extremistas, convictos de que só eles podiam assegurar o fim da ameaça comunista, uma vez que os grupos políticos, simpatizantes do populismo, não eram confiáveis. O poder acabou caindo nas mãos da “linha dura”, que passou a controlar o país.

A partir da decretação do AI-5 (Ato Institucional nº 5), em dezembro de 1968, não havia mais dúvidas, a ditadura estava definitivamente institucionalizada. O presidente da República concentrava todos os poderes e o *habeas corpus* foi suprimido, instaurou-se a fase de maior terror, com prisões, torturas e mortes de vários opositores ao governo. Com a supressão das liberdades políticas e individuais uma parte da oposição aderiu de vez à luta armada, com ações de guerrilha urbana e rural.

A partir de 1974, com a posse do quarto presidente militar, Ernesto Geisel<sup>2</sup> e a derrota dos movimentos de luta armada, a ditadura militar iniciou sua última grande fase, num processo de autodissolução controlada que só iria se completar em 1985. O presidente Geisel, já na primeira reunião com seu ministério afirmou que buscava um “gradual, mas seguro, aperfeiçoamento democrático”. A distensão política foi acompanhada, mais tarde, pelo surgimento do novo sindicalismo, que, ao lado de outros movimentos sociais, ajudaria a pavimentar o caminho para a redemocratização. Segundo Elio Gaspari:

A ditadura acabou-se pela conjunção de três fatores. Pela ordem de entrada em cena, primeiro pela decisão dos generais Ernesto Geisel e Golbery do Couto e Silva de desmontá-la. Segundo, pela remobilização da sociedade brasileira, a partir do resultado das eleições de 1974, quando o MDB surrou surpreendentemente a Arena, elegendo 17 dos 22 senadores. Terceiro, pela decisão do governo dos Estados Unidos por dissociar-se dela e de todas as suas similares. Isso aconteceu com a posse do democrata Jimmy Carter na Casa Branca, em janeiro de 1977.<sup>3</sup>

O processo de abertura política não foi fácil, nem ocorreu de maneira direta, sofreu muitas idas e vindas, já que enfrentava entre os apoiadores do governo e dentro do próprio exército uma divisão: de um lado, um grupo favorável a essa abertura e de outro, aqueles que queriam manter o poder nas mãos dos militares. Este momento exige uma reflexão sobre os fatores que contribuíram para a chamada abertura política, e, entre eles, principalmente, o

<sup>2</sup> Sobre o governo Geisel e o processo de distensão política ver: GASPARI, Elio. *A ditadura derrotada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003; GASPARI, Elio. *A ditadura encurralada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

<sup>3</sup> GASPARI, HOLLANDA & VENTURA. *70/80 – Cultura em trânsito: da repressão à abertura*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

3

papel dos movimentos sociais, da reorganização da sociedade civil. É necessário compreender quando a sociedade voltou a organizar-se de forma mais efetiva, porque isso ocorreu e qual o caminho que foi percorrido por esses movimentos sociais que lutavam não só pelas liberdades políticas, mas também por direitos sociais, como a luta contra a carestia, melhoria na infraestrutura de transporte, saneamento, entre outros.

É justamente nesta última fase que esta pesquisa se insere, não com o objetivo de analisar todos os fatores para o fim do período militar, mas de analisar a reorganização dos movimentos sociais nesse contexto. Para avaliar esses movimentos, ela utiliza-se da imprensa alternativa, veículo importante para a compreensão desse período histórico.

Chegando ao recorte final do projeto de mestrado é relevante o estudo da imprensa alternativa, mas antes, é preciso descobrir o que se chama de imprensa alternativa, quais as características dessa imprensa no Brasil, qual o papel que ela desempenhou durante o período militar e as razões para o seu declínio. O jornalista Bernardo Kucinski afirma que a imprensa alternativa no Brasil passou, de 1964 em diante, por ciclos de jornais alternativos que variavam de acordo com a época, suas propostas e sua relação com o leitor. “Em cada fase eram outras as motivações e o caráter da articulação entre seus protagonistas e deles com a sociedade civil. Surgiram novas propostas estéticas e operacionais, mudava o relacionamento com os leitores”.<sup>4</sup> Partindo do princípio que existiram vários tipos de jornais alternativos, interessa a este projeto, mais especificamente, aqueles tipos que começam a crescer a partir de 1976, de caráter regional, voltado para as camadas populares.

O projeto foca a imprensa alternativa chamada de local ou de base. Esse tipo de jornal nasce mais ou menos por volta de 1974/1975, quando ocorre uma mobilização da sociedade brasileira, que tem como um de seus marcos a vitória do MDB (Movimento Democrático Brasileiro), partido de oposição ao governo, nas eleições de 1974 e a gradual diminuição da censura à imprensa. Bernardo Kucinski assim caracteriza esse tipo de jornal:

Formando pequenas redações, cooperativas e mutirões, lançam jornais voltados aos problemas específicos da região, do bairro, eventualmente, de um movimento de base. Tomam como modelo o padrão da Imprensa Alternativa e modificam-no através de propostas de comunicação direta entre jornalista e público. Criam jornais em que as bases populares são ao mesmo tempo o sujeito da comunicação e seu próprio agente.<sup>5</sup>

<sup>4</sup> KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo: EDUSP, 2003.

<sup>5</sup> KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo: EDUSP, 2003.

A partir dos recortes estabelecidos, optou-se por analisar a experiência de um jornal que circulou na região industrial de Belo Horizonte, Contagem, Ibirité e Betim, no período de setembro de 1976 a dezembro de 1981, chamado *Jornal dos Bairros*. Era uma publicação quinzenal, que inicialmente tinha o objetivo de tratar dos problemas e notícias referentes aos bairros que abrangia, como afirma o texto de apresentação, na primeira página da edição número zero, da 2ª quinzena de setembro de 1976, do referido jornal: “Você [leitor] pertence a esta grande comunidade humana que vai ler o JORNAL DOS BAIRROS de 15 em 15 dias. Um jornal que vai retratar o que existe no seu bairro, na sua rua, no seu comércio, no esporte amador, no futebol da Várzea, na vida enfim da região.”<sup>6</sup>

Com a análise desse jornal espera-se descortinar alguns aspectos da história do Brasil, no período em que há os primeiros passos a caminho da redemocratização do país e também da reorganização dos movimentos sociais. Estudá-lo significa, entre outros aspectos, compreender o processo de revisão, de reavaliação de caminhos pelo qual passavam os movimentos de luta contra o governo. Isso porque o *Jornal dos Bairros* é fruto de uma revisão destes métodos de luta, por alguns de seus fundadores, uma vez que alguns deles eram militantes de esquerda, havendo inclusive, ex-presos políticos. A pesquisa também poderá revelar como que, em torno do jornal, montou-se uma rede de colaboradores, anunciantes e leitores que propiciaram uma discussão e uma disseminação de novos valores e idéias democráticas. E, ao final, esta pesquisa poderá revelar que, ao mesmo tempo, em que jornais como o *Jornal dos Bairros* ajudaram na reorganização da sociedade civil, foi esta mesma reorganização que acabou levando a extinção desse tipo de jornal para dar lugar a outros tipos de experiências e ações.

Para desvendar todos os aspectos apresentados é necessário seguir alguns passos. Num primeiro momento de pesquisa é preciso examinar as edições do *Jornal dos Bairros*, o estilo de suas reportagens, os temas mais recorrentes, seus anunciantes, se ao longo do seu tempo de existência houve mudanças na proposta editorial ou de abordagem. Tudo isso com a finalidade de refletir sobre a relação do jornal com a comunidade atendida por este periódico. Perceber em que medida, um jornal como esse contribuiu e influenciou os movimentos sociais de luta, não só pelas liberdades políticas, mas também para questões como, preservação do

---

<sup>6</sup> APRESENTAÇÃO. *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, p. 1, 2ª quinzena set. 1976.

5

meio-ambiente, luta contra a carestia, melhoria dos serviços públicos (transporte, saneamento etc.), direito das mulheres entre outras.

Em seguida, a pesquisa busca compreender um pouco sobre como esse jornal surgiu, o que motivou um grupo de pessoas a se reunirem para fundá-lo. Entre os envolvidos estavam jornalistas e outros profissionais, inclusive professores universitários, ligados ou não há movimentos de esquerdas, alguns inclusive eram ex-presos políticos. Neste rol de participantes havia nomes como dos jornalistas Edson Fernandes Martins, Fernando Soares Miranda, José Amaro Siqueira e dos ex-deputados federais Nilmário Miranda e Tilden Santiago. Analisar seu processo de fundação poderá ajudar a refletir sobre um tipo de cultura política que começava a ser praticada no Brasil a partir de meados dos anos de 1970.

A última fase da pesquisa estaria em estabelecer a relação entre o *Jornal dos Bairros* e os movimentos sociais surgidos naquela comunidade atendida por ele. Isso poderá ser percebido não somente pela análise dos jornais, as notícias dos movimentos de reivindicação, as conquistas, como também observando os avanços na organização popular, desde o início da existência do jornal até o seu final. Perceber, até que ponto, ele contribuiu para mobilização popular, introduzindo um alargamento do espaço da política. Eder Sader ao analisar os movimentos sociais de São Paulo, entre 1970 e 1980, afirmou que esses movimentos “...efetuaram uma espécie de alargamento do espaço da política. Rechaçando a política tradicionalmente instituída e politizando questões do cotidiano dos lugares de trabalho e de moradia, eles ‘inventaram’ novas formas de política”<sup>7</sup>. A questão é saber se isso também ocorreu nos locais por onde este jornal circulou.

Para concretizar todas essas fases de pesquisa diversos tipos fontes serão utilizados. Referências bibliográficas serão importantes no momento de contextualizar o período da ditadura militar, especificamente a fase de abertura política e reorganização dos movimentos sociais. A bibliografia já existente também será extremamente útil no momento de pesquisar os diversos aspectos e características da imprensa alternativa no Brasil. Ao focalizar o *Jornal dos Bairros* e sua relação com a comunidade é importante analisar suas edições e entrevistar pessoas que se envolveram diretamente com o jornal, jornalistas, colaboradores e anunciantes, além de alguns de seus leitores para a conclusão da pesquisa.

---

<sup>7</sup> SADER, Eder. *Quando novos personagens entram em cena*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

6

Apresentado o projeto e as questões que ele suscita é hora de mostrar os resultados, fruto da primeira etapa da pesquisa. Neste momento, além de leituras sobre o período militar e sobre a imprensa alternativa, foram realizadas análises das edições do *Jornal dos Bairros*, as entrevistas ainda não foram feitas. No entanto, foram analisados apenas os primeiros exemplares lançados no período de distribuição gratuita. Este período corresponde a primeira quinzena de setembro de 1976 a segunda quinzena de abril de 1977. Após essa data, o jornal passou a ser vendido no valor de CR\$ 1,00 (um cruzeiro, moeda da época). Assim os editores justificaram essa cobrança:

A venda do jornal foi uma decisão tomada com a participação dos moradores que distribuem o jornal, que sabem da situação do jornal e que sugeriram o preço de capa. Para todos os leitores, explicamos agora o que já foi dito por nós no número zero. Em setembro do ano passado, quando o jornal foi lançado, dizíamos: 'Este jornal chegará às suas mãos gratuitamente, graças aos anúncios do comércio e da indústria da região'. E isso aconteceu. Primeiro, a propaganda eleitoral pagou os gastos iniciais com o jornal. Depois, foi a Bolsa de Empregos a responsável pela sua sustentação.

Mas nos últimos números ocorreram mudanças. A situação econômica do país também se refletiu no jornal. Em razão desta nova realidade, fomos forçados a colocar um preço de capa, para que continuemos cumprindo o que prometemos no número zero: 'retratar o que existe no seu bairro, na sua rua, no seu comércio, no esporte amador, no futebol de várzea, na vida enfim da região'.

Mas continuamos, como nos primeiros números, a depender do leitor, que deve nos enviar cartas, sugestões, reclamações. Afinal, o jornal continua a ser do leitor.<sup>8</sup>

Este recorte na análise, período que o jornal circulou com distribuição gratuita e período vendido, é importante para avaliar se após a cobrança ocorreu alguma mudança nos rumos do jornal e se sua relação com o leitor permaneceu a mesma. Mas é preciso frisar, novamente, que este texto irá apresentar apenas observações sobre o período de circulação gratuita.

Como já foi dito, o *Jornal dos Bairros* circulou na região industrial de Belo Horizonte e em cidades da Grande BH com características industriais, como Contagem, Betim e Ibitaré. Sua tiragem, nos primeiros meses de circulação, era de onze mil exemplares. Esse número era insuficiente para atender toda a população que morava na região, pois sempre havia nos jornais o pedido que à medida que fosse lido, fosse repassado a um vizinho ou a um amigo, visando atingir um público maior.

---

<sup>8</sup> *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, nº 15, p. 1, 1º a 13 de maio de 1977.

7

O jornal tinha como objetivo tratar dos problemas e questões de interesse da população que vivia nas regiões contempladas por ele. Daí sua preocupação em fazer com que o leitor fosse, ao mesmo tempo, receptor e emissor das mensagens divulgadas pelo jornal. Ninguém melhor do que os moradores de cada região para saber o que acontecia por ali, o que era importante e quais suas demandas, por isso há um apelo para que os leitores enviassem sugestões e cartas para o jornal. É a partir destas informações que os jornalistas produziam seus textos. E para que essa aproximação com o leitor fosse sentida por todos, a linguagem utilizada era quase coloquial. Os textos parecem um diálogo direto com o leitor, sem o refinamento da linguagem culta. Outro instrumento utilizado para essa aproximação com o leitor, que em sua maioria é um operário ou vive em uma família de operários, é o símbolo do jornal. Foi escolhido como símbolo, como o ícone que aparece na primeira página ao lado do nome do jornal e que acompanha a numeração das páginas, a imagem da escultura do “Trabalhador Anônimo”, obra do artista plástico José Amancius de Carvalho. O artista assim definiu sua obra:

[...] ela transmite muita coisa do operário. Não digo só pelo sofrimento mas também porque o operário é um lutador, um trabalhador sofrido e ao mesmo tempo alegre, pois o gesto dele levantar o braço e estender sua mão ao espectador, ao colega de trabalho, está cumprimentando e está despedindo ao mesmo tempo, pois o relógio que tem no peito marca seis horas. Ele traz na mão um martelo, quer dizer, o peso do trabalho.<sup>9</sup>

Esta escultura localiza-se na Praça da Cemig, local que representa o centro da Cidade Industrial e é uma homenagem ao operário. Popularmente a escultura é conhecida como “Estátua do Salário-Mínimo”, isso porque ela é representada por um homem muito magro. A maioria dos moradores da região acha que os trabalhadores merecem uma estátua, mas são unânimes em achá-la muito feia, porém uma coisa é certa, ela não passa despercebida por ninguém que circula pela região. Talvez, por esse motivo, tenha sido escolhida como o símbolo de um jornal, voltado para os trabalhadores, apesar do paradoxo que ela representa: ao mesmo tempo em que o trabalhador se acha digno de uma estátua, ele não se acha digno daquela estátua, por ela ser tão feia. Esse fato já pode lançar luz a uma questão: será que nesse momento o trabalhador já começa a ter um novo olhar sobre si, uma maior valorização do seu papel na sociedade e da sua capacidade de transformação? Afinal, ele se acha digno de ter

---

<sup>9</sup> *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, n° 8, p.7, 2ª quinzena de jan.1977.

8

uma estátua assim como os políticos, mas quer uma tão bonita quanto aquelas feitas para os políticos, pois já não há mais diferenças entre esses dois atores sociais.

O primeiro tópico a ser observado, ao iniciar a análise dos conteúdos do jornal, são as propagandas, já que essas eram as responsáveis pela manutenção do mesmo. Nas edições de números 1, 2 e 3 houve um predomínio de propaganda política. Candidatos a vereadores de Belo Horizonte e candidatos a prefeito de Contagem rechearam as páginas do jornal. Sobre esse tipo de propaganda, o jornal assim se manifestou:

O JORNAL DOS BAIRROS não tem qualquer ligação com candidatos ou partidos políticos. Nosso objetivo é retratar o que existe em seu bairro na sua rua, no comércio, no esporte amador, no futebol de várzea, na vida enfim da região, conforme afirmamos em nosso número zero, distribuído no dia 19 de setembro. Sendo um jornal de distribuição gratuita, a sobrevivência do JORNAL DOS BAIRROS se torna possível graças aos anúncios de empresas, comerciais, industriais e de serviços, pequenos anúncios e ofertas de empregos, que são cobrados de acordo com nossa tabela de preços. Da mesma forma, a publicação de anúncios de campanha eleitoral é recebida como uma atitude comercial, ou seja, O JORNAL DOS BAIRROS está aberto aos candidatos da Arena ou MDB que queira se apresentar aos eleitores através de nossas páginas.<sup>10</sup>

Com este texto o jornal reiterou seu objetivo de tratar de questões pertinentes aos moradores do bairro e deixou claro que não tem nenhuma relação com a política partidária, fato extremamente importante, visto o contexto que se vivia.

As outras propagandas, veiculadas nesses primeiros meses de jornal, eram em sua maioria, de prestadores de serviços ou pequenos comércios da própria região de circulação do jornal. Talvez a única grande exceção, uma vez que seu anúncio aparece em quase todos os números, seja o de uma grande loja situada no centro de Belo Horizonte, chamada Belorizonte Couros. Outro tipo de anúncio que chama a atenção é de grupos de Alcoólicos Anônimos, o que leva a conclusão que este deveria ser um problema presente entre os moradores.

Outra forma de renda para o jornal era a seção *Bolsa de Empregos*, esta circulou a partir da edição número 1 e contava com oferta de empregos, principalmente para a área de construção civil (serventes, pedreiros, carpinteiros, armadores...). Mais tarde surgiu uma outra seção que também deveria ser fonte de renda – *Indicadores Profissionais*. Eram anúncios de dentistas, contadores, advogados, clínicas, localizados ou no centro de Belo Horizonte ou nos bairros de circulação do jornal.

---

<sup>10</sup> *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, nº 1, p. 2, 1ª quinzena de out. 1976.



9

Essas duas seções – *Bolsa de Emprego e Indicadores Profissionais* – apesar de serem uma fonte de renda, não deixam de confirmar uma importante característica do *Jornal dos Bairros*, a prestação de serviço à população. Além dessas duas seções, é possível citar, com essa mesma preocupação, as seções: *Notas e Reclamações, Serviços, Pequenos Anúncios, Conselhos de Saúde, Trabalhadores que se Oferecem e Bolsa de Alimentos*.

Na seção *Notas e Reclamações* aparecem, na maioria das vezes, as demandas da população, principalmente ligadas às questões de infra-estrutura, transporte, abastecimento e lazer. A partir da edição número 4, a seção é dividida com o nome dos bairros, o que demonstra uma preocupação em facilitar ao leitor encontrar as notícias do seu bairro.

Desde a edição número zero aparece a seção *Serviços*, nela há endereços e telefones de serviços de urgência (corpo de bombeiros, polícia, rodoviária...), horário de funcionamento de farmácias entre outras. Ao longo das várias edições, o número de bairros atendidos com esse tipo de informação foi aumentando.

A seção *Pequenos Anúncios* tinha por objetivo apresentar anúncios particulares ou de pequenos comerciantes que queriam vender, trocar ou comprar objetos ou serviços. A seção parece não ter funcionado muito bem, pois ela aparece na edição de número 1 e só volta a aparecer na edição de número 14, a última veiculada gratuitamente.

De forma não contínua, aparece a partir da edição de número 3, a seção *Conselhos de Saúde*, nela a população é informada sobre doenças, suas causas e medidas de prevenção. Até o final do período analisado, os temas publicados foram tuberculose, gastroenterite, raiva, paralisia infantil e gripe.

Surge na edição de número 11, a seção *Trabalhadores que se Oferecem*, aqui, ao contrário da *Bolsa de Empregos*, onde as empresas anunciam suas vagas de trabalho, é o trabalhador que oferece seus serviços. É pedido que este, assim que encontre um emprego, comunique ao jornal.

A *Bolsa de Alimentos* é uma seção que apresenta uma pesquisa de preços dos principais gêneros alimentícios nas mercearias e supermercados dos bairros atendidos pelo jornal. Há um rodízio dos bairros, geralmente em cada edição, de três a cinco bairros são contemplados. Numa sociedade em crise econômica, com inflação crescente, este tipo de serviço torna-se fundamental.

Além das seções já comentadas o jornal possui a seção *Leitores, Esportes e Crianças*. Assim o jornal chamou a participação para a coluna *Leitores*:

O JORNAL DOS BAIRROS pretende continuar agradando aos seus leitores. Para ser cada vez melhor, precisamos saber a opinião dos leitores a respeito do jornal. Precisamos principalmente, de sugestões dos leitores sobre o bairro onde moram e em que o jornal circula. O leitor atento e interessado contribui para um jornal melhor. Você está ligado ao que ocorre no lugar onde vive, pode comunicar-se conosco, sugerindo assuntos, falando dos acontecimentos do bairro, mostrando o que existe de bom e o que pode ser melhorado. Escreva ou telefone para nossa redação, revelando as festas, promoções, as dificuldades que existem nos bairros.<sup>11</sup>

Com essa chamada o jornal reitera seu compromisso de construir a pauta junto com os leitores e reforça a idéia de que com interesse e participação de todos é possível melhorar o bairro. Ao contrário do que ocorre na *Notas e Reclamações*, aqui aparece o nome de quem enviou a carta ou telefonou e assim como lá, também, ao longo das edições, a seção passa a ser dividida com o nome dos bairros.

A seção *Esportes* aparece na última página do jornal, com notícias principalmente sobre os campeonatos de futebol da região e em algumas edições aparecem notícias sobre campeonatos de vôlei. Outras categorias esportivas praticamente não são contempladas. A partir da edição número 10, a seção passa a contar com uma quadrinha exclusiva sobre futebol.

Voltada para o público infantil, a seção *Crianças* conta com brincadeiras, como cruzadinhas, labirinto, imagens para colorir, e concursos. Acompanha essa seção, quadrinhas ou histórias em quadrinho criadas pelo cartunista Nilson. Neste caso a temática está, geralmente, ligada ao universo infantil. A partir da edição de número 4, aparece um novo cartunista chamado Ricardo, sua quadrinha é chamada *O Bairro* e aparece em pontos diferentes a cada edição do jornal, sendo sua temática social. Ter uma seção direcionada às crianças, demonstra uma preocupação em tornar o jornal agradável para toda a família e, quem sabe, contribuir para a formação do futuro cidadão.

Além de todas essas seções, há as reportagens cujos assuntos mais frequentes são a falta de infra-estrutura dos bairros, como saneamento e esgoto, iluminação, ruas asfaltadas, a precariedade do transporte coletivo, falta de ônibus, superlotação. O problema da moradia também aparece e nos meses de verão torna-se constante as reportagens de enchentes que atingiram os bairros de circulação do jornal. Por ser uma região industrial, também não

---

<sup>11</sup> *Jornal dos Bairros*, Belo Horizonte, nº 2, p. 2, 2ª quinzena de out. 1976.

11

poderia faltar a temática da poluição, preocupação ainda insipiente entre empresários e órgãos públicos, mas que já era motivo de grande preocupação entre os moradores destas regiões.

Após analisar as primeiras edições do *Jornal dos Bairros* percebe-se que há uma preocupação da equipe do jornal em sempre aprimorar-se: novas seções são criadas, seções são reformuladas buscando atingir de forma mais direta o leitor, inclusive elevando sua autoestima, o próprio lema do jornal já colabora para isso – “Jornal dos Bairros – onde os problemas do seu bairro são importantes”.

Existe sempre uma preocupação em chamar o leitor para participar do processo de elaboração do jornal. Em toda edição ele é convidado a dar sua opinião, a sugerir matérias, a enviar informações. Com a continuidade desta pesquisa, espera-se descobrir se todo esse incentivo à participação vai resultar em uma mobilização maior dessa população em torno de seus direitos. Com a análise das próximas edições e com as entrevistas, tanto com os envolvidos com o jornal quanto com alguns de seus leitores, a expectativa é descobrir se o *Jornal dos Bairros*, realmente, colaborou para a organização dos movimentos sociais.

### **Referências Bibliográficas**

GASPARI, Elio. *A ditadura derrotada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

GASPARI, Elio. *A ditadura encurralada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

GASPARI, HOLLANDA & VENTURA. *70/80 – Cultura em trânsito: da repressão à abertura*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo: EDUSP, 2003.

SADER, Eder. *Quando novos personagens entram em cena*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.